

D. A. CARSON

A  
MANIFESTAÇÃO  
DO  
**ESPÍRITO**

A contemporaneidade  
dos dons à luz de  
1Coríntios 12–14



## Sumário

Prefácio .....	9
Introdução .....	11
Lista de abreviaturas .....	15
<b>1. A UNIDADE DO CORPO E A DIVERSIDADE DOS DONS (12.1-30)</b> .....	17
Considerações sobre o contexto da argumentação em 1Coríntios 12—14 .....	17
O significado da confissão cristã central sobre o que é ser espiritual (12.1-3) .....	21
A abundante diversidade dos dons da graça (12.4-11).....	33
O batismo no Espírito Santo e a metáfora do corpo: a dependência mútua dos crentes (12.12-26) .....	44
Conclusão (12.27-30).....	51
<b>2. O CAMINHO MUITO SUPERIOR OU QUANDO VIRÁ A PERFEIÇÃO? (12.31—13.13)</b> .....	53
O contexto do capítulo 13 .....	53
A indispensabilidade do amor (13.1-3).....	60
Algumas características do amor (13.4-7) .....	63
A permanência do amor (13.8-13) .....	68

<b>3. PROFECIA E LÍNGUAS: BUSCANDO O QUE É MELHOR (14.1-19)</b> .....	79
Considerações sobre a natureza de vários dos <i>χαρίσματα</i> ( <i>charismata</i> ) .....	79
A superioridade da profecia sobre o falar em línguas (14.1-19) .....	102
<b>4. ORDEM E AUTORIDADE: LIMITANDO DONS ESPIRITUAIS (14.20-40)</b> .....	109
A relação de línguas e profecias com os descrentes (14.20-25) .....	110
Ordem na adoração pública (14.26-36) .....	119
Alerta (14.37,38) .....	133
Síntese (14.39,40) .....	136
Considerações finais .....	136
<b>5. PODER LIVRE E RESTRIÇÕES DISCIPLINARES: EM BUSCA DE UMA</b>	
<b>TEOLOGIA DOS DONS ESPIRITUAIS</b> .....	139
Considerações sobre línguas, milagres e batismo no Espírito em Atos.....	139
Considerações sobre a teologia da segunda bênção .....	160
Considerações sobre revelação .....	162
Considerações sobre a evidência da história.....	167
Considerações sobre o movimento carismático .....	172
Considerações de uma perspectiva pastoral .....	186
<i>Bibliografia selecionada</i> .....	193
<i>Índice de assuntos</i> .....	223
<i>Índice de nomes</i> .....	227

## Prefácio

A princípio, as páginas deste livro foram elaboradas para serem proferidas nas aulas do Moore College, em setembro de 1985. Sou muito grato ao coordenador anterior, dr. Broughton Knox, por oferecer o convite, e ao coordenador atual, dr. Peter Jensen, e seu corpo docente pela calorosa recepção que me ofereceram. Jamais poderia elogiar à altura as diversas gentilezas feitas a mim, as quais foram muito além da mera cortesia. As duas semanas agradáveis que passei ali resultaram em uma amizade ainda maior com rev. Allan e Pamela Blanch, rev. Phillip e Helen Jensen, e dr. Peter e Mary O'Brien, e em um número de novos amigos e conhecidos grande demais para mencionar. Contudo, uma amiga muito especial foi a encantadora Anne Woodhouse, de três anos de idade.

O convite para dar as aulas se tornou o estímulo para publicar um material que tenho ensinado e no qual tenho pensado há alguns anos. Sem tal incentivo, este material ainda não estaria organizado. Pelo fato de os assuntos serem tão complexos e serem motivo de grandes discussões, tanto nos círculos acadêmicos quanto na igreja, incluí notas e bibliografia relativamente extensas para os estudantes mais avançados, ao mesmo tempo que mantive o estilo das aulas no corpo do texto.

Ninguém chega a conclusões como as que estão expostas nestas páginas sem se submeter a uma vasta interação com muitas pessoas. Fico relutante em apresentar uma lista de nomes; contudo, além da ajuda que recebi das extensas fontes técnicas mencionadas nas notas, sou devedor, particularmente, a três pessoas: dr. Max Turner, da Universidade de Aberdeen, cujas longas conversas comigo, há mais de dez anos,

ajudaram a aguçar minha mente; dr. Roy Clements, pastor da Eden Baptist Church em Cambridge, Inglaterra, cuja série de pregações expositivas sobre a epístola de 1Coríntios me proporcionou momentos prazerosos e estimulantes; e dr. Kenneth S. Kantzer, que gentilmente me forneceu extensas notas de aulas de um curso que tem ministrado há anos. Tenho certeza de que dependi desses homens sem sequer me aperceber disso a todo momento. Nenhum deles concordará com tudo que escrevi; mas isso significa que, provavelmente, ainda tenho muito a aprender.

Uma vez que o debate sobre o “movimento carismático” vai muito além do interesse meramente acadêmico, também incluí na bibliografia e nas notas, assim como nos tópicos discutidos, uma quantidade substancial de abordagens mais populares, além dos estudos técnicos. Do contrário, receio que estas aulas teriam relevância somente para o pessoal acadêmico. Meu assistente de graduação, sr. Mark Reasoner, foi incansável em rastrear artigos e livros difíceis de encontrar; e os funcionários da biblioteca Rolfing, sempre prestativos e corteses, devem estar gratos por este projeto ter chegado ao fim. Um ou dois trabalhos apresentados na bibliografia, em particular o livro de P. Benoit et al., chegaram tarde demais para serem usados — a não ser um ensaio escrito por James D. G. Dunn que está esgotado e me foi gentilmente emprestado pelo dr. Scot McKnight. Sou grato também pelo trabalho do rev. Dan Estes e do rev. Bruce Winter, que organizaram os índices para mim em um momento de minha vida em que me encontrava extremamente ocupado.

A série de aulas foi proferida de um modo levemente abreviado no Mennonite Brethren Biblical Seminary em Fresno, Califórnia, e no Canadian Theological Seminary em Regina, Saskatchewan, no outono de 1985, e isso me proporcionou novas oportunidades para reflexão e revisão. Sou grato por todas as gentilezas que me foram demonstradas nessas ocasiões.

*Soli Deo gloria.*

D. A. Carson  
Trinity Evangelical Divinity School



## Introdução

**E**m todo o campo da teologia cristã contemporânea e da experiência pessoal, poucos assuntos em voga são mais importantes do que os que estão associados com o que tem sido chamado comumente de “movimento carismático”. Tal designação, como veremos adiante, relaciona-se com o termo bíblico χάρισμα (*charisma*), que é empregado de forma equivocada; no entanto, por ser esse o termo usual, continuarei a empregá-lo. Em todo caso, o que torna o assunto difícil não é tanto a designação usada, mas sim seu conteúdo. O movimento abrange não somente as denominações “pentecostais” tradicionais, mas também minorias consideráveis em muitas das denominações da cristandade; e, em algumas partes do mundo — América do Sul, por exemplo —, o movimento é a principal voz do protestantismo, ao mesmo tempo que é um invasor bem-sucedido na Igreja Católica Romana. Sejam quais forem seus compromissos teológicos, jovens clérigos lutarão com questões levantadas pelo movimento carismático de forma tão frequente e, em algumas ocasiões, tão dolorosa quanto qualquer outra questão que surgir em seu caminho.

À medida que o movimento carismático tem crescido, também tem se tornado mais diversificado, fazendo, portanto, que muitas generalizações a seu respeito sejam notavelmente reducionistas. Contudo, é justo dizer que os dois grupos, carismáticos e não carismáticos (continuo usando os termos de forma não bíblica), se alegram em usar ótimos estereótipos a respeito dos que pertencem ao partido oposto. Na opinião dos carismáticos, os não carismáticos tendem a ser teimosamente tradicionalistas

que não creem na Bíblia e que não têm verdadeira fome pelo Senhor. São pessoas que têm medo de experiências espirituais profundas, são muito orgulhosas para se entregarem completamente a Deus, estão mais preocupadas com o ritual do que com a realidade e são mais apaixonadas pela verdade proposicional do que pela verdade encarnada. Eles são melhores na escrita de tratados teológicos do que no evangelismo; são beligerantes na argumentação, defensivos na postura, entediados na adoração e desprovidos do poder do Espírito em sua experiência pessoal. Os não carismáticos, por sua vez, tendem obviamente a ver as coisas de forma um pouco diferente. Na opinião deles, os carismáticos sucumbiram ao amor atual pela “experiência”, mesmo que às custas da verdade. São vistos como pessoas profundamente não bíblicas, especialmente quando elevam suas experiências com o falar em línguas ao patamar de um xibolete teológico e espiritual pelo qual todo o restante é julgado. Se eles têm crescido, grande parte de sua força se deve ao seu triunfalismo destemido, seu elitismo populista e suas promessas de atalhos para santidade e poder. São melhores em dividir igrejas e roubar ovelhas do que são em evangelismo, mais conquistados pela exaltação espiritual de um único líder diante dos outros crentes do que pelo serviço humilde e fiel. São imperialistas na argumentação (somente eles têm o “evangelho todo”), abrasivos na postura, descontrolados na adoração e destituídos de qualquer entendimento real da Bíblia que vá além da mera citação de versículos.

Obviamente os dois grupos admitem exceções notáveis às caricaturas que apresentei; todavia, a profunda suspeita mútua faz com que o diálogo genuíno seja extremamente difícil. Isso é especialmente doloroso, até vergonhoso, diante do compromisso assumido pela maioria dos crentes de cada grupo em relação à autoridade da Bíblia. As posições estereotipadas dos dois lados são tão antagônicas, ainda que ambas se digam bíblicas, que devemos concluir uma destas três possibilidades: um dos grupos está correto em sua interpretação da Escritura sobre essas questões, e o outro está correspondentemente errado; ambos, até certo ponto, estão errados, e é necessário encontrar uma forma melhor de entender a Escritura; ou a Bíblia simplesmente não fala com clareza e coerência sobre esses assuntos, e os dois grupos em disputa extrapolararam os ensinamentos da Bíblia a fim de entrincheirarem-se em posições que não são defensáveis pela Escritura.

Seja qual for o caso, devemos voltar para a Escritura. Esse é o fundamento das exposições que serão realizadas neste livro. Não tenho a ilusão de que o que escrevo é particularmente inovador ou de que se provará perfeitamente convincente para todos os que têm pensado sobre essas questões; e a limitação do material a ser estudado — somente três capítulos do Novo Testamento — necessariamente restringe minhas conclusões. Ainda assim, espero que o capítulo conclusivo integre suficientemente outras porções do material bíblico, especialmente do livro de Atos,

e que as conclusões não pareçam distorcidas. Além disso, por mais que grande parte de minha atenção esteja no texto de 1Coríntios 12—14, minha preocupação em tornar este estudo uma exposição *teológica* (como apresenta o subtítulo) me forçará a interagir um pouco com outras doutrinas cristãs, bem como com conclusões de linguistas, antropólogos sociais e historiadores e também com crenças práticas e populares da igreja contemporânea, mesmo quando tais considerações extrapolarem o domínio do estudante do Novo Testamento; isso porque estou convencido de que, se a igreja deseja encontrar paz quanto a esses assuntos, precisamos considerar, imparcialmente, todas as evidências relevantes, ainda que insistamos que a autoridade da Escritura deva prevalecer. Essa autoridade, obviamente, não deve ser transferida a mim, como intérprete da Escritura; por isso, em alguns momentos, indicarei o nível de certeza com o qual faço julgamentos interpretativos, a fim de que, mesmo não concordando em todos os detalhes, talvez a maioria de nós possa chegar à concordância na maior parte das questões centrais.



## Lista de abreviaturas

### BAG

Arndt, William F.; Gingrich, F. Wilbur, trads. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, por Walter Bauer, 4. ed., Chicago; Londres: University of Chicago Press, 1957.

### BAGD

Gingrich, F. W.; Danker, F. W., trads. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, por W. Bauer, 2. ed., Chicago; Londres: University of Chicago Press, 1979.

### BDF

Blass, F.; Debrunner, A. *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. Robert W. Funk. Chicago; Londres: University of Chicago Press, 1961.

### TDNT

Bromiley, G. W., trad. e ed. *Theological Dictionary of the New Testament*, 10 vols. (Obra original em alemão ed. por G. Kittel.) Grand Rapids: Eerdmans, 1964-1976.

# 1

## A unidade do corpo e a diversidade dos dons (12.1-30)

- Considerações sobre o contexto da argumentação em 1Coríntios 12—14
- O significado da confissão cristã central sobre o que é ser espiritual (12.1-3)
- O uso que Paulo faz de χάρισμα (*charisma*)
- O significado de πνευματικῶν (*pneumatikōn*)
- A relação entre χάρισμα (*charisma*) e πνευματικῶν (*pneumatikōn*)
- O desenvolvimento do argumento em 12.1-3
- O significado da blasfêmia “Maldito seja [ou é] Jesus”
- A abundante diversidade dos dons da graça (12.4-11)
- O batismo no Espírito Santo e a metáfora do corpo: a dependência mútua dos crentes (12.12-26)
- Conclusão (12.27-30)

### Considerações sobre o contexto da argumentação em 1Coríntios 12—14

A atual opinião a respeito do contexto tem sido registrada não somente em comentários bíblicos como também em diversos estudos recentes, e não se faz necessário repeti-la aqui.<sup>1</sup> Devo apenas resumir minhas próprias conclusões. A partir do capítulo 7, Paulo parece responder a uma série de perguntas feitas a ele em uma carta escrita pelos coríntios: “Agora, quanto às coisas sobre as quais escrevestes...” (7.1). Isso explica por que os assuntos mudam radicalmente: em um momento Paulo lida com o assunto das relações entre os sexos (cap. 7), em outro, com o da carne sacrificada aos ídolos (8.1ss.). Ele passa a tratar da questão de as mulheres orarem e profetizarem na congregação (11.2-16) e prossegue para outras questões, tais como a Santa Ceia (11.17-34), os dons da graça e do amor (caps. 12—14), e a ressurreição (cap. 15).

<sup>1</sup>E.g., John C. Hurd, *The Origin of 1 Corinthians* (Nova York: Seabury, 1965), 186-87; K. S. Hemphill, “The Pauline Concept of Charisma: A Situational and Developmental Approach” (tese de doutorado, Cambridge University, 1976), 45ss; veja A. C. Thiselton, “Realized Eschatology at Corinth”, *New Testament Studies* 24 (1878): 510-26.

Às vezes (como aqui em 12.1) ele introduz um novo assunto fazendo uso de uma expressão padrão, Περὶ δέ (*peri de*, a respeito de...). Todavia, três aspectos principais se destacam em argumentação.

Primeiro aspecto: um dos denominadores comuns identificados nos problemas em Corinto era uma escatologia ultrarrealizada.<sup>2</sup> É lugar-comum o entendimento de que Paulo estabelece a igreja numa tensão dinâmica entre uma visão do que Deus “já” realizou e uma visão daquilo que ele “ainda não” efetuou. O Reino de Deus já despontou e o Messias está reinando, a vitória crucial já foi conquistada, a ressurreição final dos mortos já começou na ressurreição de Jesus, o Espírito Santo já foi derramado sobre a igreja como garantia da herança prometida e dos primeiros frutos da colheita escatológica de bênçãos. Entretanto, o Reino de Deus ainda não veio em sua consumação plena, a morte ainda exerce um poder formidável, o pecado deve ser superado e poderes opositores das trevas batalham contra nós com ferocidade selvagem. O novo céu e a nova terra ainda não se manifestaram. Manter esse equilíbrio é essencial para a maturidade da igreja. Se pensarmos somente nos termos daquilo que ainda está por vir (i.e., se nos focarmos na escatologia futurista), podemos não somente ficar brincando com infundáveis jogos especulativos como também podemos depreciar a natureza culminante da encarnação, da obra na cruz e da ressurreição de Jesus, que já aconteceram. Podemos, por um lado, ansiar tanto pelo futuro a ponto de negligenciarmos servir a Deus com empolgante gratidão pelo que ele fez no passado. Por outro lado, se pensarmos somente em termos do que Cristo já alcançou (i.e., se focarmos numa escatologia realizada), caímos nos mesmos erros que caracterizavam muitos dos crentes de Corinto. Poderíamos sentir que, como filhos do Rei, temos o *direito* a todos os tipos de bênçãos; poderíamos ir tão longe a ponto de deixarmos essa postura transformar nossa estrutura de crença e a ponto de insistirmos que as cruciais experiências da graça que temos experimentado constituem a verdadeira “ressurreição”, não havendo nenhuma outra a ser esperada. É por isso que um recente comentarista que estuda os capítulos 12—14 inclui também um estudo sobre o capítulo 15.<sup>3</sup> A escatologia de Corinto era, provavelmente, reforçada por algum tipo de dualismo helenístico que tinha uma visão obscura da existência corpórea presente, ao mesmo tempo que entendia demasiadamente mal a natureza da vitalidade espiritual. Talvez não haja nenhum outro trecho em que a escatologia ultrarrealizada de Corinto se apresente mais fortemente do que no capítulo 4: “Já estais satisfeitos!”, escreve Paulo com considerável veemência e não pouco sarcasmo. “Já estais ricos! Sem nós, já chegastes a reinar. Quisera eu já reinásseis

<sup>2</sup>Veja especialmente Thiselton, *ibid.*

<sup>3</sup>Ralph P. Martin, *The Spirit and the Congregation: Studies in 1 Corinthians 12—15* (Grand Rapids: Eerdmans, 1984).

de fato, para que também nós reinássemos convosco!” (4.8). Os apóstolos, Paulo prossegue, são tratados como escória; os coríntios estão acima disso e têm prazer em pensar quanto são cheios de conhecimento e sabedoria. Poder-se-ia argumentar que essa escatologia ultrarrealizada está por trás de muitas das questões pastorais que Paulo enfrenta em Corinto e está relacionada com o tema dos capítulos 12—14.

Segundo aspecto: a igreja de Corinto é uma igreja dividida. Isso pode ser visto não somente nos emblemas partidários mencionados em 1.12 (“O que quero dizer com isso é que um de vós afirma: Eu sou de Paulo; outro, Eu sou de Apolo; outro, Eu sou de Cefas; outro ainda, Eu sou de Cristo”) e apresentados nos quatro primeiros capítulos do livro, mas também em um estilo de argumentação que permeia grande parte dos capítulos 7—12. Esse tipo de argumento pode ser chamado de “sim-mas”. Se as pessoas da igreja assumem posições diferentes sobre algum assunto, o objetivo de Paulo não é somente apresentar seu julgamento apostólico sobre a questão, mas também reconciliar as facções em disputa. Para tanto, ele concorda com cada facção e afirma: “Sim, sim, vocês têm um aspecto da verdade a seu favor, e eu concordo com vocês — *mas...*” Aos que têm inclinações mais ascéticas, ele diz: “[...] é bom que o homem não tenha relações com mulher” (7.1);<sup>4</sup> *mas*, ele continua, o casamento ajuda a diminuir a promiscuidade e, de qualquer forma, também é um bom presente de Deus (7.2-7). No capítulo 8, ele reconhece que os cristãos sabem que um ídolo não tem poder real e que não constitui um mal em si mesmo, portanto a comida oferecida a ele não passou por algum tipo de transformação maligna que a tornou um veneno perigoso para o cristão (8.1-6). “Mas”, continua ele, “nem todos sabem disso” (8.7), referindo-se a outros cristãos na igreja de Corinto; com base nisso, ele trabalha com alguns princípios conciliadores.

Nem todo “mas” em 1Coríntios diz respeito à preocupação de Paulo de unir as facções rivais; e, em uma ou duas ocasiões, o apóstolo se coloca em total oposição à igreja (e.g., “Não vos elogio nesta instrução que vos dou agora” [11.17]). Ainda assim, em recurso é recorrente o suficiente para nos perguntarmos o que está por trás dele quando ocorre. “Gostaria que todos vós falásseis em línguas, *mas* muito mais que profetizásseis [...]. Dou graças a Deus, porque falo em línguas mais que todos vós. *Todavia*, prefiro falar na igreja cinco palavras que se podem compreender, a fim de também instruir os outros, a falar dez mil palavras em uma língua” (14.5a,18,19).<sup>5</sup> Poucos duvidam que o principal interesse de Paulo nesses capítulos

<sup>4</sup>A tradução da NIV (versão em inglês), “É bom que o homem não se case”, está incorreta: veja Gordon D. Fee, “1Corinthians 7.1 in the NIV”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 23 (1980): 307-14.

<sup>5</sup>As formas variadas de adversativa (e.g., ἄλλά, μᾶλλον δέ) não invalidam o que foi dito, pois o argumento se baseia na relação lógica de um par de sentenças num contexto, e não em uma questão meramente lexical.

é aparar os excessos de alguns que falavam em línguas; entretanto, ao longo deles, ele primeiro se alinha com os que falam em línguas. Será que existem também nesses capítulos alusões aos que não falam em línguas?

Acredito que sim, apesar de não aparecerem em lugar algum numa forma análoga ao argumento “sim-mas”. Ao fim de sua abordagem, Paulo pode escrever: “Não proibais o falar em línguas” (14.39) — certamente sugerindo que era isso o que alguns preferiam que acontecesse. Não poderiam ser aqueles que falam em línguas, uma vez que teriam interesses bem contrários a esse respeito; contudo, nada do que Paulo falou até esse ponto exige a abolição desse dom.<sup>6</sup> Novamente, conforme a metáfora do capítulo 12, alguns parecem se sentir ameaçados pelos dons de outros e, portanto, ficam retraídos de alguma forma (12.14ss.). No contexto desses dois capítulos, o único dom ameaçador é o de línguas.<sup>7</sup>

Essas considerações se tornam importantes porque alguns estudiosos têm argumentado que a preocupação de Paulo quanto às divisões na igreja chegaram ao fim no capítulo 4.<sup>8</sup> A carta enviada pelos coríntios, Paulo, da qual ele se ocupa a partir do capítulo 7, deve ter vindo de *toda* a igreja, dizem eles, e não de facções dela; as respostas de Paulo sugerem que a igreja de Corinto estava mais dividida *contra Paulo* do que internamente. Não estou convencido disso. Primeiro, isso parece separar os capítulos 7—16 do partidarismo de que temos conhecimento nos capítulos 1 — 4. Segundo, uma carta pode vir da igreja inteira com um tom agressivo e ainda assim fazer perguntas que apresentam diferença de opinião *dentro da* igreja. Afinal, se a igreja estivesse unida nas questões levantadas, não ficaria claro o motivo que os coríntios teriam para levantá-las (com possível exceção de motivos meramente teóricos). Terceiro, dos três capítulos que estamos examinando neste livro, o capítulo central enfatiza o amor de forma tão intensa que não é difícil acreditar que a igreja de Corinto estava especialmente em falta quanto a essa característica, mais uma vez, por causa do partidarismo.

Terceiro aspecto: o foco dominante desses capítulos é a conduta da igreja quando está reunida. Claro que isso é igualmente verdadeiro em relação ao capítulo 11; contudo, a observação se torna especialmente importante quando tentamos integrar essa postura na sequência do argumento em diversos pontos cruciais (e.g., “na igreja”, 14.19; “quando vos reunis”, 14.26).

<sup>6</sup>O “mas” que segue imediatamente 14.39 não pertence à forma de argumento “sim-mas”, pois é imediatamente precedido por uma proibição.

<sup>7</sup>Veja Mattie Elizabeth Hart, “Speaking in Tongues and Prophecy as Understood by Paul and at Corinth, with Reference to Early Christian Usage” (tese de doutorado, University of Durham, 1975), cujo principal objetivo foi demonstrar que havia tanto forças “pró-carismáticos” quanto “anticarismáticos” em Corinto, enquanto Paulo adota uma postura que está aberta a toda atuação do Espírito, permanecendo crítico diante de muitas coisas observadas em Corinto.

<sup>8</sup>E.g., Hurd, *Origins of 1 Corinthians*, 193-95; Gordon D. Fee, “Tongues — Least of the Gifts? Some Exegetical Observations on 1 Corinthians 12—14”, *Pneuma* 2/2 (1980): 4-7.

# A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO

Nesta obra, D. A. Carson analisa minuciosamente a questão da contemporaneidade dos dons de uma perspectiva bíblica, sem deixar, porém, de dialogar com a longa tradição da teologia cristã. Trata-se de um estudo cuidadoso e diligente que visa extrair de um dos textos bíblicos mais célebres sobre o assunto, 1Coríntios 12–14, uma interpretação consistente e precisa que seja capaz de unir carismáticos e não carismáticos por meio de uma compreensão bíblica e teológica do assunto.

A exegese do autor é exemplar. Seu domínio da literatura especializada em exegese, dogmática, linguística, antropologia social e história é impressionante. Sua habilidade em integrar teologia bíblica e teologia sistemática é digna de nota. Sua sabedoria espiritual permeia quase todos os seus comentários pastorais!

*“Um dia, todos os carismáticos e não carismáticos que conhecem o Senhor não terão mais motivo algum para contender, pois os chamados dons carismáticos passarão para sempre. Naquele momento, esses dois grupos de crentes olharão para trás e contemplarão conscientemente o fato de que não é o dom de línguas nem a animosidade para com esse dom que os liga ao mundo passado, mas sim o amor que eles conseguiram demonstrar um para com o outro, apesar do dom de línguas.”* **D. A. Carson**

ISBN 978-85-275-0552-9



9 788527 505529



VIDA NOVA

[www.vidanova.com.br](http://www.vidanova.com.br)